

LINGUÍSTICA E ENSINO: REPRESENTAÇÕES IMAGINÁRIAS DOS FORMANDOS EM LETRAS

RONDAN, Josséle Lima Vieira¹; SILVA, Renata².

¹ Universidade Federal do Pampa- Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas; ² Universidade Federal do Pampa, Professora Doutora Renata Silva, josselima@yahoo.com.br; resilv@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa reflete sobre formações imaginárias de língua que os acadêmicos do Curso de Letras Português-Espanhol da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, construíram durante a graduação e o modo como representaram a influência de tais concepções na elaboração e na realização de suas aulas no estágio de docência em língua materna. Também são discutidas as interferências da memória do discurso escolar e do discurso acadêmico na realização das práticas docentes desses estagiários. Para tal reflexão, no percurso teórico iniciamos com a relação entre Linguística e Ensino (OLIVEIRA, WILSON, 2010), após, caracterizamos a Análise de Discurso de linha francesa e desta vertente teórica destacamos os conceitos de imaginário, memória discursiva, paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2009). O corpus discursivo foi constituído a partir da aplicação de um questionário aos estagiários de língua materna. Para análise do corpus, selecionamos sequências discursivas de referência, interpretadas a partir da relação do intradiscurso com o interdiscurso. Sob a ótica discursiva, esta pesquisa suscita uma reflexão sobre como os alunos se valem dos conhecimentos linguísticos obtidos na graduação para embasar teoricamente o planejamento das aulas de língua materna. Essa investigação também é relevante para que os alunos enquanto docentes e a universidade enquanto intermediadora de conhecimentos reflitam sobre suas práticas no que diz respeito ao ensino de línguas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A presente pesquisa fundamenta-se na Análise de Discurso, para a qual não existem metodologias prévias, pois a mobilização de conceitos da teoria e a construção de princípios de análise se dão em virtude da especificidade do corpus. A constituição “do corpus não segue critérios empíricos [...] mas teóricos” (ORLANDI, 1999, p. 62).

O *corpus* dessa pesquisa se constituirá de respostas a entrevistas com alunos do Curso de Letras da Unipampa/Jaguarão, enquanto estagiários de língua materna. Aplicamos um questionário contendo as seguintes questões:

¹ Universidade Federal do Pampa- Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas

² Universidade Federal do Pampa, Professora Doutora Renata Silva: resilv@gmail.com

Justificamos que na AD não importa a exaustividade nas análises, mas as escolhas de fragmentos representativos das questões de pesquisa, denominados “sequências discursivas de referência” (SDR). Na análise discursiva será levada em conta a formação imaginária dos estagiários, que são “projeções que permitem passar das situações empíricas - os lugares - para as posições dos sujeitos no discurso” (ORLANDI, 1999, p. 40). Ou seja, se refletiremos sobre duas formações imaginárias: a formação imaginária que o sujeito tem de língua e a formação imaginária da sua prática de ensino de língua no estágio de docência.

Outro elemento considerável em nossa análise é a questão da memória. As memórias são “já-ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes” (ORLANDI, 1999, p. 31). É desse modo que refletiremos como a memória da escola (estagiários enquanto alunos) e a memória das instruções da universidade interferiram na representação de língua e do planejamento das aulas de língua dos estagiários.

Por fim, trataremos dos processos parafrásticos e polissêmicos presentes nos discursos. “A paráfrase representa retorno aos mesmos espaços do dizer”, em outras palavras, será vista como a repetição de formações imaginárias dos estagiários. Já a polissemia “é deslocamento, ruptura de processos de significação”, ou seja, serão os fatores novos que aparecerão nos seus discursos. Assim, a paráfrase significa o já-dito e a polissemia o novo que se irá dizer (ORLANDI, 1999, p. 36).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo inicial, percebe-se que os estagiários, ao dizerem que suas aulas filiam-se à concepção interacionista, estão imaginando uma concepção de língua. Porém, nas descrições de suas atividades, tal concepção não condiz com a ótica interacionista (MARCUSCHI, 2008) existente na Linguística, mas com a visão interacionista existente nas Teorias da Aprendizagem. Dessa forma, a memória de outras teorias conhecidas durante a formação acadêmica se mantém de forma a interferir na concretização do que seja uma concepção de língua para esse sujeito.

Também podemos dizer que os sujeitos, ao imaginarem uma concepção de língua que se confunde com uma concepção de aprendizagem, criam uma imagem de uma prática com êxito, pois suas atividades geram interação entre os alunos. Sendo assim, uma formação imaginária está relacionada a outra.

Nos discursos analisados, há uma interferência das memórias da escola, mas essas memórias referem-se à disciplina e à rigidez do espaço escolar. Devido a isso acreditam que o ambiente escolar deve ser interativo, onde os alunos tenham espaço para o trabalho em grupo, com atividades lúdicas que proporcionem uma aula divertida.

Assim como a memória da escola, a memória do discurso acadêmico também possui grande relevância para esse estudo, pois apesar de os formandos acreditarem que a universidade não os ajudou significativamente, seus discursos mostram o contrário, pois todos definiram seus planejamentos e práticas embasando-se em teorias conhecidas na graduação. Como isso seria possível sem o apoio das teorias expostas pela universidade?

Simultaneamente, relembram os saberes da memória acadêmica do ensino de língua e querem promover a paráfrase, isto é, manter a orientação recebida de que a abordagem da língua deve subverter a tradição. Dito de outra forma, os sujeitos imaginam a língua como interação. Embora se baseiem mais em uma

perspectiva pedagógica da interação, não estão deixando de reproduzir o discurso acadêmico. Esse imaginário se constitui a partir dos saberes obtidos na formação universitária. A memória dos anos de graduação está subsidiando essa formação imaginária da língua. A memória da escola como lugar em que a língua é sistema contribui para a recusa do discurso escolar e para constituição de uma formação imaginária interacionista sobre a língua.

O sujeito nega os saberes da memória escolar em prol do aceite dos saberes da memória do período de graduação. Sob essa tensão, enuncia. A análise do seu discurso revela, conforme já referido, a tentativa de instaurar um movimento polissêmico em relação ao ensino tradicional de língua e um movimento parafrástico em relação ao que à formação acadêmica determina.

4 CONCLUSÃO

Nas análises discursivas, verificamos a tensão entre a paráfrase e a polissemia, pois o sujeito, na tentativa de fazer o diferente (polissemia) em relação ao ensino de língua da escola, se equivoca e dá indícios de que não sabe como fazê-lo, acaba por instaurar a paráfrase e não a polissemia desejada. O sujeito tenta parafrasear as instruções acadêmicas, mas se encontra perdido, confuso mediante as orientações que recebeu. Na tentativa de instaurar a paráfrase, promove a polissemia, pois não segue a vinculação entre a Linguística e o ensino.

Além de tudo que foi exposto até agora, vale ressaltar que todos os alunos trouxeram sugestões parecidas para que esses desencontros que apareceram no momento de suas práticas não ocorressem com outros formandos. Acreditam que algumas disciplinas relacionadas com os estudos linguísticos, tais como Introdução aos Estudos Linguísticos e Teorias Linguísticas, deveriam ser ofertadas durante todo o curso, pois alegam que têm contato com determinados conteúdos apenas no início da formação. Também acreditam que as práticas de estágio devem começar antes do período previsto, pois creem que ao final do curso eles até reconhecem seus erros, mas não têm oportunidades de refletirem enquanto alunos, pois já estão no final da graduação.

Diante do exposto, esta reflexão inicial propõe, para futuras pesquisas, pensar o porquê desses acontecimentos, desses desencontros entre as teorias ensinadas na universidade e as práticas. Fica aqui a sugestão de que alunos, professores e egressos repensem suas práticas e planejamentos perante a escola e o espaço acadêmico com o intuito de criar soluções para um maior comprometimento com o ensino de língua.

5 REFERÊNCIAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção TEXTUAL, ANÁLISE DE GÊNEROS E COMPREENSÃO*. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.

OLIVEIRA, Mariângela; WILSON, Victoria. Linguística e Ensino. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *MANUAL DE LINGUÍSTICA*. São Paulo: Contexto, 2010.

ORLANDI. Eni P. *ANÁLISE DE DISCURSO: princípios & procedimentos*. Campinas (SP): Editora Pontes, 2009.

_____. **ANÁLISE DE DISCURSO: princípios & procedimentos.** Campinas (SP)
Editora Pontes, 1999.